



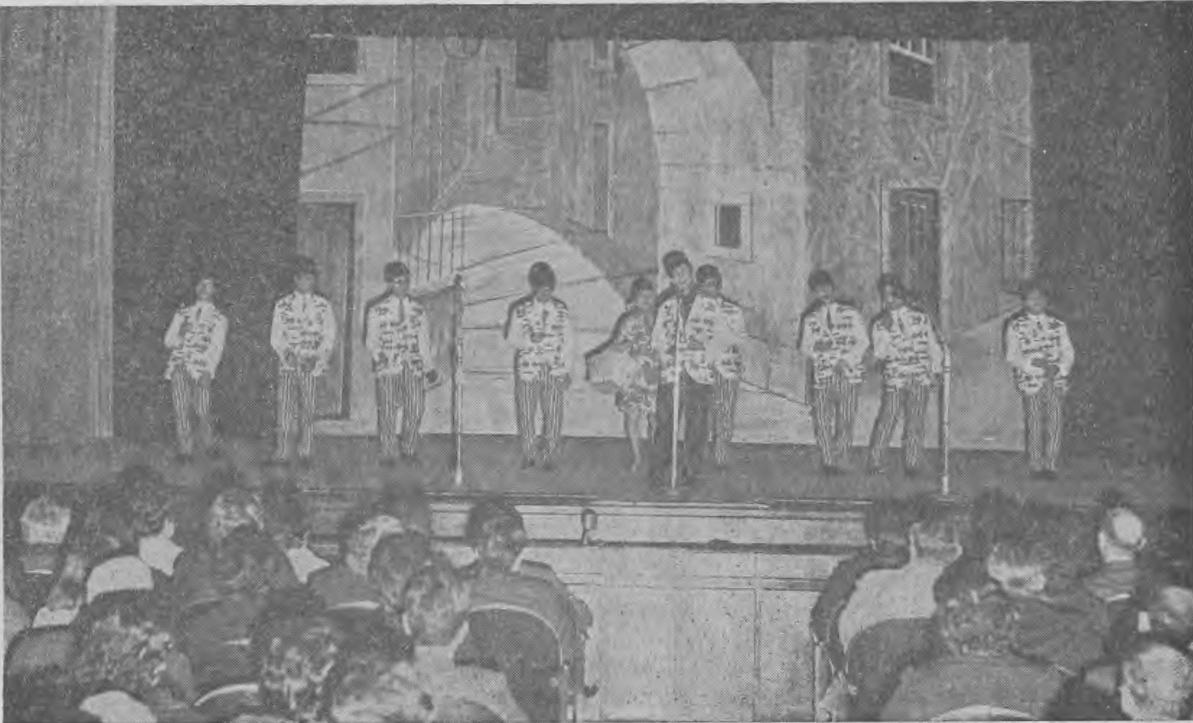
Gaiato

22 DE MARÇO DE 1969

ANO XXVI—N.º 653—Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



A FAMÍLIA NO COLISEU. NO PALCO A «JÚLIA FLORISTA», UM QUADRO DA REVISTA DESTE ANO.

Festas

VISTAS DOS BASTIDORES

Do nosso salão de festas passámos ao Coliseu do Porto. A nossa primeira festa na magnífica sala da rua Passos Manuel é o ensaio geral do espectáculo que há-de correr terras, levando bem patente a mensagem da Casa do Gaiato a todos os seus amigos.

Ontem, mal chegámos ao Coliseu, o Américo correu ao encontro dos seus:

— Depressa, malta; já não há tempo a perder... Venha cá o grupo dos grandes. As entradas são assim...

E explica pormenorizadamente vários números.

— Agora, o grupo do Oliveira. — E repete o mesmo fadinho... E chama outro e outro até passarem todos pelo palco a relembrar entradas e marcações.

Depois, a balbúrdia nos camarins. E novamente Américo:

— Vá, isso, com muita ordem. O camarim número 1 é dos «batatas»; os que entram nas vindimas ocupam o camarim 2... e o 7 é dos da Madragoa, compères e caracterizações. Onde rapazes para caracterizar, aí Padre Baptista e Olímpia (esposa do Américo), com a caixa da pintura.

Rondava o ponteiro as nove e trinta quando Júlio se abeirou dos camarins a ver o andamento.

— Ó Américo, olha que já vai dar o sinal.

— Está bem; começa lá com isso, que nós já estamos prontos a entrar em cena.

E lá vai o Júlio para o palco, prestes a fazer a introdução da festa. Começa então a «guerra» atrás dos cenários! Compères para um lado, o grupo do balão para outro...

Frente ao microfone, Júlio abre o activo. E choveram as primeiras palmas dum aplauso geral, que só viria a

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

NOTA DA QUINZENA

«Vivem no lugar..., freguesia de..., deste concelho de Viseu, 5 menores — 4 raparigas de 13, 10, 6 e 2 anos de idade e um rapaz de 10 — filhos ilegítimos duma alcoólica por quem foram abandonados há já uns meses.

Habitam actualmente com a avó, de 64 anos de idade, mas parálitica há 5 anos devido a uma trombose, com a bisavó de 86 anos, também parálitica e cega e ainda com dois tios, um de 27 anos, surdo-mudo e outro de 41 anos que de vez em quando é acometido de doença mental, tendo de ser internado num hospital psiquiátrico.

A mãe dos menores vive actualmente com um companheiro do qual já tem um filho e está novamente grávida. Não quer saber dos filhos, faz cenas devido ao alcoolismo e também já se está a dar mal com o companheiro do qual apanha grandes tarefas.

Há ainda outra filha menor mas que está a cargo de familiares.

Perante caso tão triste, mesmo complicado, estava a procurar algumas soluções que me parecem mais urgentes:

1.º Tentar a desintoxicação alcoólica da mãe dos menores.

Para tal, terá que ser internada por muito tempo.

2.º Procurar o internamento, pelo menos, de algumas raparigas.

3.º O internamento do rapaz de 10 anos. É para esta última hipótese que vimos pedir a colaboração de V. no sentido de o obter na Casa do Gaiato, sendo possível com urgência.

Na verdade este caso precisa de intervenção rápida e também da colaboração de diversas entidades oficiais e particulares, pelo que iremos bater a várias portas.»

Um quadro negro! Um de muitos que a nossa imprevidência consente!

É pecha nossa «deitar tranças à porta, depois da casa roubada». Sob o impulso das chagas que aparecem clamorosas, às vezes, ainda agimos com mèsinhas que, quando muito, empaleiam a ferida e lhe dão aparência de curada, sem, todavia, atingirem a fonte da infecção.

De que nos vale dar a mão a este rapazito de 10 anos, e qualquer Obra de Raparigas dá-la às quatro pequenas citadas, se a mãe continuar à solta, proliferando casos de que

a Assistência e talvez a Justiça se deverão ocupar?! É um poço sem fundo, que sempre se abate quando julgámos ter tocado a veia de água.

Temos vivido em compartimentos estanques. A Assistência não tem nada com a Previdência. Uma e outra nada com a Justiça. Cada qual trata dos seus assuntos, como se eles fôssem a totalidade das preocupações sociais. E assim passamos a vida tentando remediar e assistindo incessantemente ao aflorar, aqui e além, dos

Continua na QUARTA página

Aqui LISBOA

«A criança deve beneficiar de uma protecção especial; deve ter possibilidades e facilidades, por força da lei e por outros meios, para que possa desenvolver-se de maneira sã e normal no campo físico, intelectual, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade... Deve poder crescer e desenvolver-se de maneira sã; para isso, devem ser-lhe asseguradas ajuda e protecção especiais... A criança tem direito a uma alimentação, a um alojamento, a divertimentos e cuidados médicos adequados... A sociedade e os poderes públicos têm obrigação de atender de modo particular às crianças sem família ou àqueles que não têm suficientes meios de existência. A criança deve, em todas as circunstâncias, estar entre os primeiros a receber protecção e socorro». (Da Declaração dos Direitos da Criança; ONU, 20/XI/1959).

Quando a «Declaração» atrás referida veio a lume já Pai Américo tinha fechado os olhos havia três anos. Toda a sua vida, aliás, foi um combate insano, na primeira linha, em defesa dos direitos sagrados das crianças, a quem as circunstâncias ou a demissão dos homens criaram situações lamentáveis ou de desfavor. Outro caminho não queremos trilhar, embora, às vezes, os espinhos sejam dolorosos e nos tomem por impertinentes. O Evangelho, donde flui a nossa conduta, é exigente e obriga-nos, sob pena de incoerência, a trilhar as vias nem sempre cómodas da denúncia das injustiças praticadas ou da ausência da justiça entre os homens, para, só depois, clamar por amor entre eles. Se a Boa Nova fosse uma mula de encosto para refúgio do nosso egoísmo ou defesa

Continua na QUARTA página

A cruzada da Escola Industrial e Comercial Brotero tem sido persistentemente amorosa a nosso favor. Professores e alunos quiseram tomar como sua a construção e vida da nossa casa. Todas as actividades de caridade prática se têm canalizado por aí acima.

Já nos anos anteriores nós éramos ali amados e os nossos rapazes alunos da Escola eram objecto de carinho especial. Um dos responsáveis pela Escola começou a fazer reuniões semanais com os nossos para melhor os ajudar a vencer dificuldades. Uma das Professoras procurava encaminhar para nós o fruto de muitos trabalhos práticos. A nossa Opel algumas vezes carregou as coisas perdidas ou abandonadas.

Mas este ano o fogo tocou a todos. Nós somos quase vizinhos. Da Escola vê-se a nossa casa na encosta cimeira. Quem tiver olhos terá visto as paredes a nascer do chão, feitas com muito suor e amor por aqueles que as hão-de usar; terá visto os nossos que são alunos da Escola, a carregar padiolas e baldes de massa a todas as horas que têm livres; terá sentido deliciosamente a lentidão com que as obras crescem, lentidão que é fruto da marca dos obreiros e da capacidade reduzida das fontes de abastecimento.

TRIBUNA de Coimbra

Temos sentido imensa alegria com esta colaboração preciosa e delicada. Todas as semanas têm vindo grupos de alunos com seus professores. São aulas práticas diante das obras e dos nossos obreiros. Os professores falam. Há muitas lágrimas nos olhos. Erguem-se alunos que vão recolher os pobres tostões dos companheiros. Muitos porta-moedas se esvaziam. São horas altas de lições para a vida. Estes alunos jamais esquecerão a nobreza do trabalho e a pobreza que constrói a nobreza. Todo o homem só é nobre pelas suas acções e não pelos bens que recebeu gratuitamente.

Na altura em que a nossa camioneta de Lisboa andava a transportar a telha, veio um grupo de Professores dizer que iriam trabalhar para que fosse a Escola a pagá-la. Levaram a conta. São catorze contos e quinhentos. Disseram que o Instituto Industrial também

quer ajudar. Já começaram a entregar quantias pequeninas. É assim que nós gostamos. As obras grandes começam sempre por ser pequeninas. Os homens grandes começaram por ser pequeninos. Estas quantias pequeninas hão-de juntar-se numa grande. A telha da nossa casa, há-de ser toda, fruto de muitas renúncias feitas de pequeninas grandezas.

Nas vésperas de Natal veio um grande grupo de alunos com um mundo de coisas lindas. As

mais lindas de todas eram as cobertas feitas de muitos retalhinhos, a coisa mais linda ainda era uma cama de bebé toda mimosa e toda cheia com um enxoval para o nosso mais pequenino, agora o Joãozinho que veio da tribo dos Macondes do norte de Moçambique.

Trouxeram também um embrulho com camisolas de lã feitas de muitas cores. É uma Professora casada e com família que nas horas livres vai pelas lojas de lã pedir retalhinhos e depois constrói estas maravilhas de amor. Oh mãos benditas e passos abençoados! Como não hão-de os seus e nossos filhos bendizê-la para sempre?!

A Escola Industrial e Comercial Brotero tem-nos dado muita valentia. Todas as turmas fizeram a sua assinatura de «O Gaiato».

Sentimo-nos bem acompanhados.

x x x

Falando da Escola Industrial e Comercial não posso calar uma palavrinha de muita simpatia para o Liceu D. João III. Em 1953 entrou ali o fogo do Património dos Pobres e nunca mais se extinguiu. Ainda há pouco o snr. Reitor me chamou para entregar mais uma casa.

Não sabemos se no Liceu D. Maria e agora no D. Duarte e noutros estabelecimentos de ensino haverá também fogueiras acesas para atear o espírito de generosidade desta gente moça que é capaz de operar maravilhas. Se não há, que apareça alguém capaz de lançar fogo. Fogo de amor que queime o mundo egoísta que a nossa juventude encontrou.

Padre Horácio

★ BELEM ★

«Memento, homo...»

«Lembra-te, ó homem, que és pó e em pó te hás-de tornar.»

É em quarta feira de Cinzas que escrevo. Vamos, então, buscar assunto à Sagrada Liturgia deste primeiro dia da Quaresma.

Porque... «aquele que meditar a lei do Senhor, dia e noite, dará fruto a seu tempo.»

Se é certo para o Homem que há-de tornar-se em pó, de que lhe vale entesourar na Terra?

Por isso, diz o Senhor: «Entesourai para vós tesouros no Céu, onde nem a ferrugem nem a traça os destroem e onde os ladrões não os desenterram nem furtam. Porque, onde está o teu tesouro, aí está o teu coração.»

Entesourar para o Céu... como?

Começamos por fazer violência a nós próprios, no sentido de nos libertarmos de tudo o que satisfaz os nossos apetites inferiores, as nossas más inclinações.

«Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração...»

Esse esforço interior de purificação há-de levar-nos à união com Deus, pela Graça.

«Senhor, chamei-Vos e me curastes.»

Se vivermos em união com Deus, pela Caridade, todas as nossas acções têm valor eterno.

Voltemo-nos, então, para os nossos Irmãos e ajudemo-nos mutuamente, a viver a presente Quaresma como verdadeiros cristãos e filhos do mesmo Pai.

«O que fizerdes ao mais pequenino, a Mim o fazeis.»

Ponha cada um ao serviço dos Irmãos os bens materiais e espirituais de que é depositário, sem receio de ficar menos rico.

O que recebeu abundância de graças, mate com elas a fome dos Irmãos, sem receio de ficar menos Santo.

As luzes que descem do Alto, são para iluminar toda a Família e que ninguém as esconda debaixo do alqueire.

Aqueles que se sentem sobrecarregados, procurem, com simplicidade, o socorro dos Irmãos, certos de que lhes dão oportunidade de entesourar para o Céu.

Na longa caminhada da vida, haverá alguém capaz de aguentar sozinho o peso da própria cruz, sem nunca precisar da ajuda dum Cireneu?

Inês — Belém — Viseu

As equipas de Auto-Construtores não nascem por geração espontânea. Os nossos trabalhadores, tanto da cidade como do campo, por si mesmos e entregues apenas à sua iniciativa, por via de regra, não darão o passo em frente, alistando-se neste movimento. Nas cidades há muita carestia de terrenos e há muitas exigências com os Serviços da Urbanização. Cada um, como é evidente, não constrói onde quer e como quer. A liberdade do indivíduo, mesmo em ordem à construção da sua casa, está condicionada, como todos compreendem. Pior do que essa circunstância, há ainda que considerar a maneira de ser e de proceder dum grande maioria dos nossos operários. Eles não economizam. Quanto ganham quanto gastam imediatamente. Com o sistema de comprar a prestações — essa maneira tão moderna de hipotecar o futuro — muitos gastam ainda antes de ganha-



Auto-Construção

rem. Assim nunca podem pensar em começar a construir uma casa que custa cada vez mais dinheiro. Nos meios rurais há menos mão de obra especializada; ganha-se, ainda hoje, um pouco menos, e, sobretudo, a mocidade não pensa ficar lá.

Daqui a necessidade da existência do Grupo de Auxílio a Auto-Construção. O seu aparecimento deve ter sido providencial para Auto-Construção. A Pátria, a Família têm todo o interesse em que o maior número de jovens construam as suas casas, valorizando-se a si mesmo cada trabalhador, valorizando a sua futura família e valo-

rizando o meio em que vivem. Quem se eleva eleva o mundo, como se repete tantas e tantas vezes. Os Auto-Construtores valorizam-se não só a si mesmos mas também os seus e as terras onde vivem. Assim e naturalmente está a formar-se um Grupo de Auxílio a Auto-Construção, que irá dar a mão aos Auto-Construtores. Uns e outros são absolutamente necessários para a finalidade em vista. Cada um terá a consciência do seu lugar. Têm que se conhecer uns aos outros e considerem a grandeza de um empreendimento de extraordinário valor moral e material a que estão intimamente ligados. Os Auto-Construtores, sôzinhos, poderiam, aqui ou além, construir algumas casitas. O Grupo de Auxílio, só, também poderia mandar fazer e dar umas tantas — sempre poucas — vivendas. Mas os Auto-Construtores e o Grupo de Auxílio, se quiserem, darão ao país Auto-Construção, movimento de valorização pessoal e profissional, de educação, de promoção familiar, de eficiente actuação social. São classes diferentes que se compreendem, estimam e ajudam. É o trabalho e a compreensão alheia a criarem melhores estruturas familiares e sociais. Sobretudo é o exercício dessa Caridade que se não fecha em palavras, ou em salões ou mesmo em igrejas, mas que vem para a rua a edificar a casa do Homem e a cidade de Deus.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



JOSÉ LEITÃO «EX CHINÊS» NA SUA HEIDELBERG MINERVA



OBRA DE PAZES PARA PAZES

Visado pela
Comissão de Censura

Colaboração dos Leitores

O ÓBULO DA VIÚVA

«Recebi o vosso postal que estimei a todos os títulos e sobretudo o vir arrancar-me a esta apatia de não corresponder, ao menos em boas palavras de agradecimento, à comprovada bondade de me enviar sempre o querido jornal e os livros de Pai Américo.

Só a falta de agradecer me punha. De resto, embora não cumprisse, julgo-me usufruir do amor que dei à Obra enquanto pude. Agora já não posso. Vai fazer precisamente 17 anos que fiquei viúva e desde então trabalho para o pão de cada dia. Deus ajuda, mas a vida é impiedosa, asfixia, e os anos também.

A única coisa que tenho, além da graça de Deus, é a casa em que vivo e a grande preocupação de a conservar. Pois tem de ser. Os bichos do campo e os passarinhos do Céu também têm casa.

Não me falteis. A gente pode nascer com luz, mas gosta de ser alumada. «O Gaiato» é um facho.

Continuarei a pedir a Deus por vós, que vos ajude e aben-

FAMOSO

ção e eu também vos abençoe e vos mando muitos beijos e abraços.

SOU UMA JOVEM DE VINTE ANOS

«Aqui lhes mando algumas moradas de pessoas amigas que desejam assinar o vosso jornal. Em minha casa há «O Gaiato», e é considerado não como o vosso jornal, mas sim o «nosso» jornal. É uma assinatura das mais antigas, porque já foi feita pelo meu avô no tempo em que o Pai Américo era vivo e foi por muito tempo.

Quando eu constituir uma família, se for esse o meu destino, quero ser uma das muitas assinantes e benfeitoras da vossa Casa; mas por enquanto não posso. Sou uma jovem de vinte

anos, e como tal compreende-se, não é verdade?!

Cá em casa o Pai Américo é considerado como família, daí a minha admiração e estima.»

O «REVOLUCIONÁRIO»!

«Que o Senhor vos continue a dar a força que tendes tido para, por meio do vosso, e nosso «Famoso», levardes a tantas, tantas famílias o desejo de serem melhores.

É quase incrível que um jornal tão pequenino encerre tanta verdade e seja tão revolucionário!? Como o Senhor é grande e como do Céu o Pai Américo continua a velar pelos seus protegidos e pelas suas admiráveis obras.»

«Tenho lido e dado a ler o jornalzinho, sendo de regra encontrar nele doutrina e exemplo a que me agarro, para meu conforto, esperança, etc..

Sucedo agora que prevejo para breve a minha deslocação para outro lugar, e tenho garantido a leitura do Famoso Revolucionário, por outra via.

Peço para cancelarem o envio relativo ao número e endereço acima mencionado; e junto 50\$00, rogando me considerem desobrigado materialmente.

Solicito uma prece: que o Senhor para que o meu lar, fundado perante Ele, tenha a Sua Paz e o Seu Amor.»

PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

«O encarregado do ficheiro que tenha paciência e procure saber há quanto tempo não pago o pequenino jornal, pequenino em tamanho de papel mas o seu conteúdo é formidável. É o único jornal que leio todo e quando chego ao fim ponho-me a procurar a ver se ainda tem alguma coisa que não tenha lido. Há 2 anos que me encontro na América e só tenho recebido alguns mas a culpa concertada não é vossa de não os receber todos porque ainda têm a direcção antiga e minha irmã é que nos manda mas espera para mandar 2 ou 3 de cada vez, mas eu quero recebê-los todos os 15 dias.

Se o dinheiro não der para o atrasado, peço o favor de me mandar o resto porque quero continuar a ler o jornal. Não é só para ter mais uma assinatura, é porque preciso da sua leitura. É egoísmo porque em primeiro lugar eu devia querer ajudar-vos e só depois pensar no prazer que tenho em o ler, mas não: ainda sou eu a primeira. Oxalá que a continuação de sua leitura me leve a pensar primeiro nos outros.»

«Sinto-me tão envergonhada ao escrever-lhe que nem sei como começar. Sou filha de um assinante do Brasil. Peço apenas que nos perdoe e saiba pelo menos que o envio do seu jornal não é em vão. Até onde ele toca a sensibilidade das almas embora sem correspondência visível da nossa parte. Tanto silêncio o nosso quando o vosso jornal é tão eloquente. Envergonho-me e entristeço-me, creia. Aliás, é uma dolorosa perplexidade a ausência do Brasil nas vossas colunas. Se é certo que para a maioria dos portugueses com poucos recursos como eu, esta presença é quase impossível, há uma parte de por-

tugueses ricos que podem cooperar. Sinceramente não entendo.

Ainda lhe peço se possível um pensamento numa oração para meu velho Pai doente de 80 anos mas alma rija de bom português, não muito religioso infelizmente mas de bom coração e que, como o resto da família, morre de saudades da Pátria que há mais de 30 anos deixámos, sem mais ter condições financeiras para voltar.

Se Deus quiser irei mandar-lhe uma migalha somente para aliviar um pouco os gastos da remessa do querido «Gaiato». E de todo o coração lhe agradeço pela remessa todos estes anos do jornal.»

Correspondência de Família

«A minha filha está boa, é um consolo vê-la comer e brincar quando ela não anda doente. Está muito desenvolvida. Qualquer dia vai a fotografia para o «FAMOSO».

Eu estou ansioso por o ver. Sinto saudades de si e gostava de conversar consigo. Até a propósito da minha casa.

Se for possível estar em casa no próximo dia 16 ou dia 17 do corrente mande-me dizer que a gente vamos lá todos. Como eu sinto saudades de tudo e de todos. Quantas vezes me lembro de si em minhas orações é de todos os meus colegas. Quantas vezes recordo Pai Américo, chegando mesmo a ter a sensação de estar a falar

com ele. Não sei porquê, há uns dias para cá que ando sobressaltado, vou na estrada com a impressão que vou morrer ou ficar inutilizado num desastre e isto preocupa-me por causa de minha filhinha. Quantas vezes tenho pensado e reflectido nas responsabilidades que contraí no Matrimónio. O que a gente sofre por causa dos filhos. Agora mais do que nunca compreendo quanto difícil é a missão dos Padres da Obra da Rua. Centenas de rapazes, melhor, centenas de filhos às vossas costas e não lhes pode faltar a alimentação. Responda-me a dizer se está nas datas acima referidas que eu preciso de falar consigo.»

Doutrina social

«Antes de casarmos, meu marido e eu, resolvemos que todos os meses iríamos retirar algo do nosso orçamento, para partilharmos com os nossos irmãos Gaiatos. Julgávamos e julgamos que é uma obrigação de todos aqueles a quem a Providência dá o necessário para todos os dias se poderam sentar à mesa e comer o suficiente!

Porém, muitas vezes as nossas boas intenções têm ficado pelo caminho — as pedras, os espinhos têm feito murchar a boa semente... — e a participação não tem chegado a seguir, senão irregularmente.

Mas agora, desde o dia 16 de Agosto, há algo de novo na nossa vida — nasceu-nos a primeira filha, e sentimo-nos ainda mais felizes e gratos por tudo quanto temos: é justo, que participemos com os outros algo do que temos, e portanto o abono de família da nossa filha, passará a ir todos os

meses, como uma migalha pequenina, para tapar o buraco mais pequeno que houver...

Segue juntamente o abono de família de Setembro e Outubro, no valor de 200\$00, e um pedido: dê-nos uma «tocada» no jornal, no nosso jornal, se deixarmos de cumprir outra vez; agora já temos mais responsabilidades, e até a nossa filha nos poderá tirar contas daqui a tempos, por prometermos e não cumprirmos, não acha?!

Pedimos-lhe mais, meu Padre: uma oração e a sua bênção à nossa filha; pois que V. também celebrou a missa por nós, no dia do nosso casamento, atrevemo-nos a pedir-lhe a sua bênção e uma oração para que ela cresça sabendo amar os outros, sabendo aprender desde pequenina a lição de Pai Américo.

Com toda a amizade de um casal de noivos, agora já pais de família.»

As nossas edições

A PRIMEIRA PRESTAÇÃO

«Mando aqui a primeira prestação do livro «A Porta Aberta» (vinte escudos). Tenho andado doente, com as despesas inerentes ao meu estado, e estou com receio que o dinheiro do meu vencimento não me chegue até receber o próximo. Não quis mandar pedir para não me mandarem o livro agora, com grande receio de se esgotar. De maneira que gostava de saber a sua opinião, sobre se procedo bem, enviando, regularmente, vinte escudos por mês (tanto mais que também gasto um pouco em distrações). No caso de achar que sim, gostava imenso de ter outro, que peço a favor de me mandarem, pagando-o a seguir ao primeiro, pelo mesmo processo (a não ser que eu faça umas economias, pagando de uma vez só o restante).»

«EQUILÍBRIO NO ARAME»

«Cá estou eu a pagar a minha dívida. Sei que é pouco. O livro vale mais, mas mesmo assim é com um certo «equilíbrio no arame» que lhes mando os cinquenta escudos.

Se o Menino Jesus não cuida dos funcionários de Providência — e sem ser da Providência — temos que ir todos viver para a Lua...»

UM GRANDE BEM

«Segue junto, por vale postal, o pagamento do livro que me foi enviado e que agradeço «Somos a Porta Aberta».

Chegou-me às mãos em ocasião perturbada de vida e constituiu para mim um grande bem a sua leitura. Bem haja!»

ESTOU A LER COMO QUEM SABOREIA UM DOCE

«Estou a ler o «A Porta Aberta» aos bocadinhos como quem saboreia um doce e o vai comendo aos pedacinhos só com o receio de que ele chegue ao fim. Nada há, porém, que não tenha fim e eu hei-de, se Deus quiser, chegar à última folha. No entanto, resta-me uma compensação. A de poder relê-lo, mormente as passagens mais aliciantes.

Os livros do Padre Américo não têm preço, tão preciosos eles são pela doutrina que encerram. Quando digo não têm preço quero eu dizer que não há dinheiro que os pague. Eu sei que 50\$00 nada é. Mas é aquilo de que posso dispor neste momento para a sua aquisição. Envio-os com toda a boa vontade, acompanhados do desejo de que todos quantos recebam o livro correspondam, com pelo menos, a mesma importância ou mais ainda.»



Do que nós necessitamos

«Uma mãe triste» envia 250\$, e pede para intercedermos junto do Senhor; para que consiga empregar-se, juntamente com uma filha. Na nossa simplicidade, levantamos as mãos ao Céu, várias vezes ao dia, pedindo pelos que em nós confiam.

500\$ e mais nada. Do Porto, «promessa do valor das minhas joias, pelo regresso de meu filho do Ultramar, do serviço militar, 3.870\$00.» Ass. 17740 com 500\$00. A. J. M. com 20\$.

Mais 5 contos do Porto. «Por alma dum amigo», 50\$00. Rio Tinto com 100\$. Dois sobretudos de Santo Tirso, do assinante 19658. Vestuário de Sintra. Duas presenças habituais, da Amadora, com 75\$ em selos de correio. 135\$ de algures. A lembrança amiga da Avó de Moscavide, com 50\$00.

Do Porto, 40\$. E a oferta tão preciosa de todos os anos, que nos vem da Quinta do Arcoze-lo, em Vargelas, com 25 litros de azeite. Mais um cheque de

50 francos, da nossa ass. 21454, de Paris, que, de quando em vez, nos aparece com muito carinho pela nossa vida. E cá vão 100\$: «Da nossa filha, para os vossos filhos, nossos irmãos, o abono de família do mês de Janeiro.

Com toda amizade de um casal muito amigo.»

Como eu gosto da redacção dada à vossa oferta! Deus vos ajude.

Roupas de Lisboa. Livros de S. Pedro do Sul. Mais livros, em Quibundo, de Salgueiral de Cima. 2 pares de calças de Paião. Duma promessa, de Ermesinde, 5.000\$00. L. H. com 2 migalhinhas de 20\$. Do ass. 14481, 100\$, 1.ª reforma da Previdência. Uma avó com 50\$. «Infeliz Pecadora» com 500\$. Anónimo com 20\$. Por intermédio da Ideal Rádio, 50\$ de Ermesinde. «Para o Natal da Casa do Gaiato», os funcionários da Caixa Textil enviaram a importância de 1.070\$00. Bem hajam.

Um cheque de 30 contos, de Lisboa, de alguém que envia «Uma pequenina esmola que só será grande no amor com que é dada.»

Mais 150\$ duma promessa. E mais a amizade dum senhor

engenheiro, com 5.000\$00. Do Caramulo, 100\$. Por uma graça recebida, 12\$50. Do Bombarral, A. M. envia 300\$. «Uma anónima de Plas, por alma do marido», 100\$. Assinante 1322, com 150\$. Um sobretudo de Santa Maria de Lamas. Roupas de Alcobça. Destinadas ao Barredo, várias quantias: 20\$, 200\$, 50\$00, 300\$, 50\$, 200\$00 e 240\$. Ainda o assinante 30085, também para o Barredo com 500\$. Anónima C. L., de Aveiro, 40\$. E pode ficar descansada, tudo tem chegado bem.

Migalhas recebidas, muito amiude vindas de Viana do Castelo. Este nosso Amigo esconde-se no anonimato e finta-nos com a sua morada sempre fictícia. Somente traz no interior do envelope a legenda «Para o mais Pobre». Eis o que recebemos desde a última crónica: 50\$, 100\$, 50\$, 100\$, 100\$, 100\$, 50\$, 100\$00, 100\$, 100\$, 50\$ e 100\$.

Não sabemos quem ele é, mas o Senhor sabe e é quanto basta.

E continuamos a registar o que nos tem chegado. 100\$ de Vilar Formoso. Mais 100\$ do Porto. 50\$ duma ass.. «Pela felicidade de três entes muito queridos», 200\$. E. D. M. com os 20\$ mensais. Assinante 6660 com 500\$. Dum Senhor Doutor de Lisboa, 1.000\$. 100\$ da Invicta. Donativo de 50\$ do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito do Porto. Dos padrinhos do nosso «Eusébio», 500\$. E mais 50\$ de Lisboa.

E até à próxima. Gratos pela vossa presença.

Manuel Pinto

Nota da Quinzena

Cont. da PRIMEIRA página

mesmos males. É desanimador. É fatigante. É excessivamente caro, até para uma Nação rica, quanto mais para nós!

Tem carradas de razão a minha correspondente: «Na verdade este caso precisa... de colaboração de diversas entidades oficiais e particulares...» E qual o caso que tal não requer, mesmo que menos complicado, se todos os de que nos ocupamos são casos de doença social a exigir remédio não só para as suas manifestações, mas sobretudo para as suas causas?!

E o que acontece quando «vamos bater a várias portas»? Encontramos muitas empenhadas, ou sem gonzo, difíceis de abrir, que nos complicam a vida em vez de a simplificar; e — curioso! — esta má recepção de uns Serviços aos outros é mais notória ainda nos sectores oficiais entre si, do que relativamente aos particulares.

Compartimentos estanques. Governicos disto e daquilo. E do Bem-comum, que é feito disto e daquilo e daquilooutro... — quem se dói?

Oxalá se renovem as mentalidades de tantos que têm entupido as estruturas que servem o Povo, para não sabotarem a boa-vontade, finalmente humilde, dos supremos Responsáveis.

Festas

Cont. da PRIMEIRA página

suspender-se no final do espectáculo. Seguem-se, por ordem, os números da revista. Mais revelações de gosto, simpatia e carinho. Os que vêm de cena e vão e voltam, desabafam nos camarins a sua alegria resplandecente. Como participantes, não assistimos ao programa, mas vemos-lo com os olhos da alma. É que os aplausos que vêm da

plateia — uma plateia viva, entusiasta, que representa a perseverante e singular amizade do velho burgo tripeiro pela nossa Obra — são o complemento deste espectáculo familiar, cuja fogueira redobra de calor e de apetite pela segunda volta, já no próximo dia 13 de Abril. Até lá, os senhores vão-se prevenindo, para não ficarem cá fora.

Santos Silva

EM ABRIL

DIA 11
às 21,30 h.

Cine Teatro de Monção

DIA 13
às 18,30 h.

COLISEU DO PORTO

DIA 15
às 21,30 h.

Teatro Ribeiro Concelção
Lamego

DIA 17
às 18,30 h.

Monumental — Lisboa

DIA 21
às 21,30 h.

Cine Teatro de Tomar
Bilhetes à venda no Armazem Barateiro e no Cine Teatro.

DIA 25
às 21,30 h.

Casino da Figueira da Foz

DIA 28
às 21,30 h.

Cine Teatro da Covilhã

Bilhetes à venda na bilheteira e Jerónimo dos Santos-Seguros.

DIA 29
às 21,30 h.

Cine Teatro da Gardunha
Fundão

DIA 30
às 21,30 h.

Cine Teatro Avenida
Castelo Branco

Bilhetes à venda nas bilheteiras, na Casa Pinto e nas Papelarias Semedo e Elias Garcia.

AQUI, LISBOA!

Continuação da PRIMEIRA página

dos nossos interesses, aliás nem sempre legítimos, mais valeria rasgá-lo. O «deixar vir a mim as criancinhas» é um imperativo para não esquecer o que é preciso ser lembrado a todos os instantes, aos homens públicos e aos particulares, aos pobres e aos ricos, fazendo-lhes sentir, que, se são sujeitos de direitos, também têm deveres a cumprir. E se «a criança deve, em todas as circunstâncias, estar entre os primeiros a receber protecção e socorro», como se afirma na «Declaração dos Direitos da Criança», isso não é mais do que a expressão verbal duma exigência profunda daquilo que se pede a cada um de nós no agir do dia a dia. O mesmo se diga dos velhos, inválidos e doentes.

Porque a criança tem direito a uma «protecção especial», porque «deve crescer e desenvolver-se de maneira sã», porque «tem direito a uma alimentação e a um alojamento» dignos, cá andamos empenhados na edificação da nova Aldeia. É tão absorvente e esgotante, que só se justifica pela finalidade. Trabalhamos sem que a burocracia possa «averiguar das possibilidades financeiras da Obra» e «sem que previamente se indique a verba disponível para suportar a referida construção», mas vamos, graças a Deus, levantando escolas, oficinas, instalações agrícolas e outros edifícios ao serviço da criança, «para que possa desenvolver-se de maneira sã e normal no campo físico, intelectual, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.»

Vivemos no momento as preocupações inerentes ao apetrechamento da futura casa-mãe. As mesas, as cadeiras, o fogão, a instalação do gerador de água quente, as camas para os «batatinhas», etc. Não fizemos contas mas é fácil calcular tudo para mais de cem mil! Se

olhássemos às «capacidades» ou às «verbas», teríamos de desistir já. Como não fazemos, porém, cálculos à maneira do mundo, vamos para a frente. A nossa fé tem de ser na proporção da tarefa que nos está confiada e, por isso, deixamos ao Supremo Matemático a resolução das equações postas, em que as incógnitas serão expressas nos seus valores aritméticos exactos, mais tarde ou mais cedo. Não cruzamos todavia as mãos, pois, estamos numa Obra em que todos trabalham.

Não queríamos terminar sem um lamento. Faz pena que, enquanto tantos dos nossos irmãos sofrem e morrem, aqui ou ali, por este motivo ou por aquele; quando tantas crianças e adultos sofrem atrozmente as mais diversas carências ou males físicos ou morais, se multipliquem as «festas de caridade» ou recepções, com gastos sumptuosos, sempre desproporcionados aos resultados obtidos, mas nunca justificados na sua motivação. Os irmãos necessitados merecem o nosso respeito. Não se brinca com os Pobres ou com os que sofrem. Isto para não falar dos exageros carnavalescos, anunciados ou não tornados públicos, como a querer significar que tudo corre às mil maravilhas neste jardim à beira-mar plantado; para não referir as despesas incríveis com inaugurações, não raro repetidas, com foguetes e música à mistura; para não denunciar aqueles que podem ver morrer ou definir a seu lado os outros, só se lembrando de coisas que lhe tragam proventos, em honra e em fama mundanas. Ai, como é triste desconhecermos ou querermos olvidar que somos todos solidários uns dos outros e como seria útil meditar as palavras da liturgia do dia em que escrevemos: «Lembra-te, ó homem, que és pó, e em pó te hás-de tornar.»

Padre Luís



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE